

## SESSÕES DO PLENÁRIO

**48ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de outubro de 2023.**

### **PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES**

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao Dr. Raymundo Paraná Ferreira Filho, médico e professor da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, nos termos da Resolução nº 2.102/2023, proposta pelo deputado Fabrício Falcão.

Convido, para compor a Mesa, o colega e deputado Fabrício Falcão, proponente desta sessão; o Sr. Otto Alencar, senador da República; o Sr. Paulo José Bastos Barbosa, subsecretário da Saúde, neste ato, representando o Governo do Estado da Bahia; a Sr.<sup>a</sup> Maria Augusta Almeida Cidreira Reis, procuradora de Justiça, neste ato, representando a Sr.<sup>a</sup> Norma Angélica Reis Cardoso Cavalcanti, procuradora-geral de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia; o Sr. Francisco de Souza Andrade Netto, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia, neste ato, representando o Sr. Marcus Vinicius de Barros Presidio, presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia; a Sr.<sup>a</sup> Delvone Freire Gil Almeida, médica patologista e coordenadora do Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (Cedap/Sesab), Unidade de Fígado, onde atua como médica hepatologista, neste ato, representando os ex-alunos e ex-médicos residentes e atuais companheiros de trabalho de Dr. Paraná; a Sr.<sup>a</sup> Ana Paula Bittencourt Boente Elias, enfermeira, neste ato, representando todos os pacientes transplantados de Dr. Paraná; a Sr.<sup>a</sup> Vitória Paraná, mestranda da Fiocruz, neste ato, representando a família e todos os jovens que abraçaram a pesquisa no Brasil; ela entrará com o homenageado; e o Dr. Antonio Carlos Vieira Lopes, representando o corpo clínico do Hospital Aliança e membro titular da Academia de Medicina da Bahia. (Palmas)

Bem, o Dr. Antonio Carlos, para o nosso prazer, foi quem fez o parto, não sei se chamam assim mais – não é, Otto? – dos meus filhos, que já são médicos, e de milhares de baianos e brasileiros, que passaram pelo senhor. Então, é um prazer grande recebê-lo. E é um prazer grande fazer parte desta homenagem ao Dr. Paraná para ver se ele libera para a gente tomar mais um vinho, porque ele sempre manda a gente tomar menos a cada dia. Mas, como ele disse, ele não é fiscal de copo de ninguém, mas com essa homenagem, não é, Dr. Paraná? (Risos)

Ainda, para compor a Mesa, convido o Sr. Guilherme Marback Neto, professor associado da Escola de Administração, da Ufba, neste ato, representando todos os velhos amigos do Dr. Paraná; o Sr. Rafael Vita, diretor da Rede D'Or, regional Bahia,

e, por último, o Sr. Albérico Mascarenhas, ex-secretário estadual da Fazenda e conselheiro do Grupo Aliança Bahia. (Palmas)

Solicito, aos familiares do Dr. Paraná, a sua esposa Marla Cruz e os filhos Vitória e Danilo, e ao Cerimonial, a condução do homenageado a este recinto.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido todos para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Quero saudar, também, a presença, dentre tantos amigos, de Gildo Mota, diretor do Hospital Cárdio Pulmonar. Gildo era vizinho e amigo de infância. Não sei se ele era mais velho do que eu. Ser vizinho é uma ligação muito forte com os meus pais, pois ele chamava o meu pai de avô, quando criança. Hoje, ele está, aí, desempenhando a sua função tão bem. Prazer, Gildo, você estar na Casa do Povo.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Passo a palavra ao proponente desta sessão especial, o deputado Fabrício Falcão.

**O Sr. FABRÍCIO FALCÃO:** Senhoras e senhores presentes, o meu boa tarde a cada um de vocês.

Para a gente, é uma honra estar recebendo cada pessoa, neste momento, na Casa do Povo da Bahia, a Casa das Leis, que faz as normas e as regras de convivência neste estado. Então, é uma satisfação.

Quero saudar cada um, saudar o presidente da Assembleia, o nobre deputado Adolfo Menezes, presidente muito querido por todos os 62 deputados desta Casa; o meu senador da República, Dr. Otto Alencar, senador que honra a Bahia, dignifica a Bahia e o Brasil pelo papel que ele tem na luta pela democracia em defesa da vida. Então, é um orgulho de todos nós.

Saúdo, também, Paulo José Bastos Barbosa, subsecretário da Saúde, neste ato, representando o governador Jerônimo Rodrigues; Maria Augusta Almeida Cidreira Reis, procuradora de Justiça, neste ato, representando a Sr.<sup>a</sup> Norma Angélica Reis Cardoso Cavalcanti, procuradora-geral de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia; Roberta Silva de Carvalho Santana, secretária da Saúde do Estado da Bahia; Francisco de Souza Andrade Netto, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia, neste ato, representando o Sr. Marcus Vinicius de Barros Presidio, presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia; Delvone Freire Gil Almeida, médica e coordenadora do Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa; Ana Paula Bittencourt Boente Elias, enfermeira; Vitória Paraná; Antonio Carlos Vieira Lopes, médico; Rafael Vita; e Albérico Mascarenhas.

Será que eu me esqueci de alguém? Opa! Saúdo o Dr. Paraná! Gente, satisfação imensa! Saúdo também a minha esposa Iara Cardoso, aqui presente; o meu gabinete e todos os funcionários desta Casa.

Amigos, nós temos, nesta Casa, duas honrarias a conceder. A primeira é a Comenda Dois de Julho. A segunda é o Título de Cidadão Baiano. Nem todos têm a felicidade de nascer baiano, como eu, o Dr. Paraná e quase todos aqui.

Mas nós temos, também, a Comenda Dois de Julho para conceder àquelas figuras notáveis, àquelas figuras que, dentro de sua área, seja na filosofia, seja no direito, seja na saúde, seja em qualquer espaço da sociedade que tenha feito algo comum e tenha trazido a ação ao coletivo. Então, neste aspecto, esta Casa tem esta comenda que damos a essas figuras notáveis do nosso estado.

E o Dr. Raymundo Paraná é esta figura que a todos nos alegra. Ele é cientista, professor universitário e amigo querido. Ele é a figura que, em sua condição de médico, colocou a sua vida vocacionada para cuidar de gente. Nem todos gostam de cuidar de gente. Quanto ao Dr. Paraná, ele gosta de gente, gosta das pessoas. Ele tem a sua vida colocada a cuidar de uma vida melhor.

Na saúde pública, ele é uma figura apaixonada pelo SUS, seja como cientista, como na condição de buscar uma sociedade melhor, mais justa, mais humana. Vivenciamos este momento, um momento de grande aflição no mundo.

Primeiro, houve aquela insanidade da guerra da Ucrânia contra a Rússia, que coloca o mundo abismado. Agora, mais recentemente, há o conflito no Oriente Médio, ali, na Ásia, também. Este conflito aflige israelenses, palestinos, o mundo árabe. Aquela é uma região bonita, de um povo forte. Conheço muito aquela região. Sou um estudioso da Ásia e do Oriente Médio. E o mundo passa por esta aflição, dificuldade, esgotamento e desequilíbrio emocional. Conheço as condições.

Neste momento, precisamos trazer, para nós, uma questão que é a humanidade. Ao invés de conflitos, devemos buscar o amor. Ao invés do ódio, devemos buscar a paixão pelas pessoas. Então, estamos neste momento difícil. E esta Casa pode trazer um pouco de humanidade, de serenidade.

Hoje não quero me alongar muito porque a festa é do Dr. Paraná. Foi trazido a esta Casa. Agora, já são 13h30min. Há um projeto de lei a ser votado na próxima terça-feira por esta Casa. Trata-se do Programa Bahia Sem Fome. O intuito é trazer e dar condição para acabarmos com o flagelo da fome e da miséria que, ainda, existem neste estado. O projeto foi trazido aqui, neste púlpito que estou agora, pelo Sr. Governador Jerônimo Rodrigues. O projeto será aprovado por esta Casa na próxima semana.

É deste momento que trazemos este momento de referendar uma figura que cuida de gente em todos os aspectos humanísticos da saúde que é o Dr. Paraná.

Estão dizendo, Dr. Paraná, que esta honraria, concedida para homenagear o senhor, foi aprovada pelos 63 Srs. Deputados e Sr.<sup>as</sup> Deputadas desta Casa. Nenhum deputado teve a condição de se ausentar ou dizer não, mostrando o respeito que o senhor tem desta Casa e da Bahia.

Então, eu quero me despedir agradecendo a cada um de vocês, a cada homem, a cada mulher que, no seu afazer de cuidar das pessoas, estão, hoje, aqui, para prestigiar esta figura humana que é o Dr. Paraná.

Aproveito para saudar, em tempo, o Dr. Frede e o Dr. Heraldo Rocha, aqui presentes. Eu iria falar com os senhores.

Parabéns à Bahia por ter um homem tão digno como baiano e, agora, um filho desta Casa! Um abraço!

Que Deus abençoe todos nós. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Antes de passar a palavra para os oradores, queria, também, registrar a presença do colega, médico e ex-deputado, durante vários anos, Heraldo Rocha. (Palmas)

Concedo a palavra ao Dr. Rafael Vita.

**O Sr. RAFAEL VITA:** Boa tarde!

Obrigado pela oportunidade de falar para Paraná.

Cumprimento todos na pessoa do presidente Adolfo Menezes.

Paraná é uma pessoa com quem tenho convivido, nos últimos 3 anos, de forma muito próxima, dia a dia, noite a noite. Todo dia, a gente se fala. Paraná é um indivíduo conciliador. Ele já fez a sua história, já mostrou a que veio, em nível de assistência. Os seus pacientes são, extremamente, bem assistidos e estão satisfeitos com a assistência. Ele tem uma mente estratégica. Ele enxerga a assistência de forma muito global. Ele é apaixonado pelo SUS, defende o SUS de forma intransigente. Ele se dedica tanto à sua especialidade quanto as outras especialidades de forma integral.

Tudo o que eu tenho para falar de Paraná é o que vocês todos já viveram com ele. Mas eu tenho vivido mais intensamente nesses últimos 3 anos, com ensino médico, ensino multiprofissional. Ele tem militado por todas essas áreas. Acho que a Bahia, os seus alunos, os seus colegas, eles foram agraciados com a presença dele e com a existência contemporânea.

Eu vou ser mais sucinto do que eu deveria. Mas, também, não queria me delongar muito.

Parabéns, Paraná!

Parabéns a todos! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao Antonio Carlos Vieira Lopes.

**O Sr. ANTONIO CARLOS VIEIRA LOPES:** É aquela condição que a gente não tem tempo de preparar. Aqui é o improviso. De certa forma, fui surpreendido por compor a Mesa elevada, a Mesa alta. Agora, também, sou surpreendido por ter de fazer uma saudação a Paraná.

Inicialmente, eu cumprimento o Sr. Presidente da Casa. É muita honra ocupar um posicionamento muito próximo de S. Ex.<sup>a</sup>. Em sua pessoa, cumprimento todos da Mesa, em especial, uma pessoa que, de certa forma, me liga mais ainda a Paraná, que

é o conselheiro Francisco Andrade. Eu cumprimento todos vocês da plateia na pessoa do professor Jorge Bastos, uma pessoa muito especial. (Palmas)

De certa forma, o que eu vou dizer mais sobre Paraná? O deputado proponente desta comenda já traçou em verdadeiras palavras ao fazer um sucinto muito apropriado da figura do professor Raymundo Paraná.

Eu costumo dizer que eu sou uma pessoa movida, talvez, até, pela própria condição de médico obstetra, movida, sempre, pela emoção. Não sei fazer discursos políticos. Mas eu gostaria de, neste momento, utilizar, de alguma forma, de saudar você, Paraná, com alguma coisa que venha do meu coração, de fato.

Primeiro, gostaria de dizer que eu te acompanho como ex-aluno. Há muito tempo, a nossa ligação é muito presente; depois, como seu aluno. Interessante como as coisas, realmente, se sucedem. Um dia, eu te ensinei. Até hoje, eu continuo aprendendo com você.

Quando nós passamos pelo doutorado da Faculdade de Medicina, você era o coordenador da pós-graduação. Depois da convivência, do dia a dia dentro da prática, a hospitalar e da docência, fomos colegas durante muito tempo como professores da Faculdade de Medicina da Bahia. Então, sua trajetória, para mim, é muito conhecida como cientista e como médico, pois o senhor é uma pessoa extraordinária. Efetivamente, poucos podem se comparar ao seu perfil.

Mas eu gostaria de, neste momento, Paraná, trazer a presença de algumas pessoas que eu tenho certeza que devem ter me pedido: “Olha, me represente. Diga a Paraná que eu estou presente.” E é aí onde vai a minha emoção. O primeiro, seu sogro, Thomaz Cruz, que eu acho que, neste momento, onde ele estiver, deve estar num lugar muito bom. Ele deve estar presenciando e estar muito feliz por ter você homenageado nesta tarde.

Marla, com quem eu caminhei durante tanto tempo, lá pelas ruas de Nova Iorque, dando a mão à Marla. Eu me lembro que a mãe dela, Ângela, chegava o fim de semana, e pedia: “Toninho, leve Marla para passear. Deixa eu ficar em casa sozinha, porque que eu preciso recuperar as minhas energias.” Então, quanto à primeira pessoa que eu me lembro, Marla, é o seu pai. Realmente, a gente tem uma lembrança, uma saudade e uma presença constante.

A outra pessoa, Paraná, que eu tenho certeza que, desde ontem, a gente homenageia. Ontem, você foi pródigo. Eu dizia que, de ontem para cá, para minha alegria, eu convivi com você em duas oportunidades. Uma fala sua pela manhã, uma fala sua à tarde. E, hoje, eu sou o agraciado de novo por estar participando desta sessão especial em sua homenagem. Trata-se da figura de Paulo Sérgio Tourinho que, efetivamente, representa, para você, ou melhor, ele foi o responsável pela sua pela sua presença dentro do Hospital Aliança, pessoa que você cuidou com muito zelo e com muita competência.

Paraná, além de tudo o que foi dito pelo deputado Fabrício, é bom ser lembrado, também, como o homem que dedicou toda a sua existência ao estudo e ao desenvolvimento de cuidado com as hepatites virais.

Paraná é uma pessoa que tem se preocupado muito com a toxidade das drogas que são utilizadas. Ainda ontem, ele passava, numa brilhante aula, sobre o que está acontecendo com os chamados fitoterápicos de suposta inocência, que não fazem mal a ninguém ou de substâncias androgênicas, piores ainda. Então, ele passava realmente um quadro da gravidade. E o que me causa espécie, deputados Adolfo Menezes e Fabrício, é que a fala dele repercute muito pouco. Vocês não têm ideia.

Paraná, talvez, seja mais conhecido como o homem das hepatites, como o homem da cirrose, como o homem do transplante. E por falar em transplante, não sei se vocês sabem, Paraná, com o grupo dele, junto com o professor Jorge Bastos, é responsável por mais de 600 transplantes feitos nesta terra. (Palmas) A gente pode dizer que eles salvaram 600 vidas. Mas isso repercute mais. A hepatotoxicidade das drogas, utilizada no cotidiano, é banalizada. O secretário Paulo Barbosa está presente. Não sei se isso tem, realmente, chegado às autoridades de saúde para ver a gravidade do que isso tem representado.

Então, Paraná, também, é conhecido, além de um excelente hepatologista, mas como um defensor da sociedade no que concerne a abusos que se cometem em nome da beleza e da beleza física, sobretudo, com drogas ditas inocentes.

Então, não devemos nos prolongar. Eu poderia passar muito tempo falando da figura de Raymundo Paraná. Mas, por certo, outros oradores ocuparão este espaço e completarão tudo aquilo que, realmente, deveria ser destacado da figura ímpar de Raymundo Paraná.

Muito obrigado a todos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Passo a palavra a uma pessoa especial. Ele já foi, também, um dos componentes desta Casa, há muitos anos, até porque já ocupou todos os cargos daqui na Bahia. Hoje, ele nos honra, lá, no Senado Federal. Trata-se do amigo e, também, médico Otto Alencar. (Palmas)

**O Sr. OTTO ALENCAR:** Presidente Adolfo Menezes, gratíssimo por me conceder o espaço para falar nesta solenidade em que o professor e Dr. Raymundo Paraná é homenageado pela Assembleia Legislativa da Bahia.

Na pessoa do presidente, eis a minha saudação a todos componentes da Mesa. Saúdo o deputado Fabrício, autor da iniciativa por conceder esta honraria. Saúdo o meu colega e deputado Heraldo Rocha. Saúdo todos os médicos e colegas profissionais de saúde. Quanto a alguns, eu já fui, até, paciente como do meu amigo Danilo.

Também, digo de uma homenagem ao meu estimado amigo, colega, professor e um médico, na verdadeira expressão da palavra, o Dr. Jorge Bastos, que eu também fui cliente dele. (Palmas) Com muita alegria, eu o vejo, aqui, agora. Na pessoa dele, gostaria de saudar todos os meus colegas.

Saúdo Alberto Mascarenhas, componente do conselho do Grupo Aliança da Bahia; Francisco Netto, presidente do Tribunal de Contas dos Municípios da Bahia; e todas as pessoas que vieram a esta solenidade.

Ontem à noite, eu me dirigi de Brasília para cá, a fim de estar presente a esta solenidade, porque tenho uma admiração muito grande pelo Paraná e por tudo o que ele representa para a área de hepatologia, gastroenterologia. Ele é um professor da residência, se eu não me engano, lá, na USP, em São Paulo. Foi presidente da Associação Americana para o estudo do Fígado (AASLC). Ele presidiu, também, a Sociedade Brasileira de Hepatologia, tem um currículo muito vasto.

Mas, sobretudo, ele tem, talvez, pelo convívio que eu tenho com ele, às vezes, a coisa que eu acho mais importante e, por muito tempo, exerci a profissão de médico ortopedista. Hoje, já, há mais de 20 anos, estou afastado, pois estou na política.

Ele tem consigo uma coisa que eu acho fundamental. Eu nunca telefonei para o Paraná que ele não me atendesse. (Risos) É difícil alguém com o currículo dele te ligar e ele atender imediatamente. Ele nos recebe no seu consultório, lá, no hospital, agora, a Rede D'Or. Aqui está o nosso presidente, o Vita. Queria, em sua pessoa, mandar uma saudação para o Dr. Jorge Moll, com quem sempre estou lá em Brasília. Tenho estado com ele. E ele tem a característica da boa vontade de atender as pessoas. Eu, sempre, estou me ocupando em ligar, às vezes, para um amigo ou para um colega. Ele tem sido muito prestativo nesse sentido.

Eu passei 12 anos nesta Assembleia, como falou o meu amigo presidente Adolfo Menezes, fui deputado, fui presidente desta Casa, liderei também a bancada em momentos difíceis da vida da Bahia. Hoje, no Senado Federal, tenho procurado, de todas as formas, ajudar o meu estado, ajudar o meu país, sobretudo nessa área que é tão sensível, a área de saúde.

Com o Paraná sendo como é, professor da Universidade Federal da Bahia, onde eu também atuei como professor assistente da cadeira de Ortopedia e Traumatologia Clínica, um ser ao lado de Domenech e de Moysés Wolfovitch, sei que é muito importante ele continuar ensinando.

Eu sei que tem alguns residentes, deve ter alguns residentes do Dr. Paraná aqui. Será que tem algum residente aqui? Tem algum residente do Paraná? Não veio nenhum residente seu hoje? Não é possível. Pensei que tinha algum residente, porque eu iria perguntar se você está, realmente, transmitindo essa sabedoria que você tem para todos eles da melhor forma possível.

Portanto, hoje, o momento do Brasil é um momento difícil na área da saúde. Nós reajustamos o Sistema Único de Saúde para este ano, no ano passado tivemos muitas dificuldades, uma redução de 20% do Orçamento de 2021, neste ano reajustamos.

Talvez, na pandemia, de 2021 até 2022, eu tenha vivido lá no Senado Federal o momento mais duro da minha vida na área da saúde, foi um momento muito duro que nós atravessamos. Eu fui um dos pacientes, tive comprometimento do meu pulmão esquerdo, com muita dificuldade. Felizmente, ao contrário do que muitos achavam, foi exatamente a vacina Coronavac que me salvou. Eu tinha tomado as duas doses.

Perdi, dos meus colegas, eu falava com o Paraná, perdemos, no Senado, três colegas com Covid, o Major Olimpio, senador de São Paulo, Arolde de Oliveira e José Maranhão, porque os trabalhos continuaram, mesmo com as máscaras, nós nos contaminamos lá no Senado Federal.

Talvez o Senado, com 81 senadores, tenha tido a maior letalidade, morreram três, então, foi uma letalidade muito alta para o Senado Federal, mas nós, ao contrário do que muitos que estão fora pensam, trabalhamos intensamente naquele momento duro da vida nacional para poder corresponder à expectativa de todos eles.

No Senado, como falou o deputado Fabrício Falcão, eu tenho 9 anos, fui reeleito agora, talvez, com a maior expressão de votos de toda a história do meu estado, é uma responsabilidade muito grande. Mas devo dizer a cada um dos meus colegas que estão aqui, a todos que estão nos assistindo, que podem ter certeza absoluta de que, no item que é o principal que o médico deve carregar consigo, e o político também, a ética e a honra não faltarão em nenhum momento da minha vida enquanto eu estiver representando a Bahia e o Brasil.

Paraná, parabéns para você! Você é um grande médico, um grande amigo, um cidadão baiano e hoje recebe essa honraria. Honraria as casas legislativas sempre oferecem, oferecer essas honrarias e doá-las em nome de um grupo, de um poder, que é o Poder Legislativo, concedê-las, só a quem pode, de alguma forma, merecê-las. E você merece perfeitamente a honraria desta tarde aqui na Assembleia Legislativa da Bahia.

Não vou cansar mais vocês, até porque, quando eu era presidente da Assembleia, eu fiz um livro de pesquisa e coloquei até um nome, quem colocou o nome do livro fui eu, chama-se *Bahia de Todos os Fatos*. As pessoas dizem que, se quer pensar num absurdo, na Bahia tem precedente, quer ver alguma coisa, já aconteceu na Bahia.

Teve um período da política, em 1954, em que dois candidatos a governador disputavam a eleição. Nesse livro de pesquisa, Paraná, levantando as informações, vi que era o Antônio Balbino contra o Jorge Calmon. O Jorge Calmon falava por 1 hora e meia, e o Balbino falava por 10 minutos. Por isso que eu vou encerrar agora.

Aí, quando o Balbino descobriu que o Jorge Calmon falava por 1 hora e meia, ele disse: “Eu vou dar um tranco nesse cara”. Ele pegou, fez um panfleto apócrifo, distribuiu na Bahia com os seguintes dizeres: “Srs. Maridos, não levem as suas esposas para ver o Jorge Calmon falar porque elas podem dormir com ele”. (Risos) Portanto, eu vou encerrar a minha palavra agora.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Eu queria também registrar a presença, nesta tarde, do Sr. José Renato Tourinho, presidente da Companhia Aliança da Bahia; do Sr. Luiz Antonio Rodrigues de Freitas, secretário-geral da Academia de Medicina da Bahia e professor da Faculdade de Medicina da Ufba; da Sr.<sup>a</sup> Márcia Alencar, esposa do nosso senador Otto; do Sr. Mário Augusto Albiani Júnior, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia.

Registrar também as presenças do Sr. Jorge Cerqueira, secretário-geral do Instituto de História da Medicina, titular da Academia de Medicina e decano do Cremeb; do Sr. Rogério Luis Gomes de Queiroz, promotor de Justiça; do Sr. Carlos

Augusto, procurador do estado da Bahia; da Sr.<sup>a</sup> Anna Beatriz Pinheiro, procuradora do estado da Bahia; do Sr. Frederico Vasconcellos, prefeito de Licínio de Almeida; e do Sr. Luciano Andrade, que neste ato representa o comandante do 2º Distrito Naval, vice-almirante Cambra.

E também agradecer aos músicos na pessoa da cantora Luiza Andrade e, no violão, Jucimarley Santos.

Neste momento, convido os familiares do homenageado, a sua esposa, Marla Cruz, e os seus filhos, Victoria e Danilo Paraná, para entregarmos a Comenda Dois de Julho.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, concedo a palavra ao nosso homenageado, o cientista e professor Dr. Raymundo Paraná Ferreira Filho. (Palmas)

**O Sr. RAYMUNDO PARANÁ FERREIRA FILHO:** Muito boa tarde a todos, a minha tendência é mais à informalidade, Sr. Presidente.

Eu quero agradecer muito a minha presença aqui, mas, é como eu sempre disse, eu não estou aqui sozinho, estou aqui com muitas pessoas que, ao longo desse caminho, estiveram sempre comigo. Aqui estão ex-residentes meus, colegas e várias outras pessoas que me ajudaram, e eu prometo que eu não serei Calmon, mas eu não posso ser Balbino. Então, eu tenho que fazer um meio termo, senador Otto Alencar.

Inicialmente, quero agradecer a todos, quero saudar todos da Mesa, na figura do deputado Adolfo Menezes, agradecer muito ao deputado Jean Fabrício pela generosidade desta honraria. Desta Mesa, vou falar de cada um de uma maneira mais informal, vou falar de cada um de vocês porque ninguém está aqui por acaso, não está aqui por representações outras que não sejam a história da minha vida.

Vou falar aqui, começar por Albérico, que representa os meus novos amigos, com quem eu tive o prazer de conviver por 2 anos no Hospital Aliança. Em seguida, Guilherme Marback Neto, meu amigo desde 1968, do Colégio Marista, hoje meu compadre. Ana Paula, minha querida Ana Paula, paciente de longa data e que aqui está representando os meus pacientes e meus pacientes transplantados. Eu já vi que Paulo está ali também.

Francisco Neto, Chico, meu amigo Francisco Neto, de longa e longa data. O senador Otto Alencar, que não está aqui porque é senador, não, vocês vão saber por que ele está aqui. Minha querida filha Victoria Paraná, que aqui representa não só a família Paraná, mas todos os jovens brasileiros que ainda acreditam na ciência neste país. Ela é mestrandia da Fiocruz. (Palmas)

Paulo Barbosa está aqui, Paulo Barbosa, subsecretário de Saúde, é um amigo também de longa data, já tivemos uma jornada juntos, já podemos construir algumas coisas no time da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Rafael Vita, um amigo recente com quem eu tenho o prazer de conviver no dia a dia, já falamos aqui, nós temos duas tarefas: uma tarefa é trazer o Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino para a Bahia, para que atue na sua total plenitude e faça o que a gente está fazendo, que é unir

os melhores hospitais da Bahia sob uma rede, o que me dá muito orgulho e muito prazer.

Delvone, que aqui representa minhas ex-residentes, juntamente com outros tantos que estão aqui, Marcelo, Analmira, estou vendo ali, deixa eu ver mais, Flávio, Marcone, todo mundo por aqui por perto. Delvone hoje é supervisora do Cedap, o Cedap é uma joia que nós conseguimos num projeto da Secretaria da Saúde, eu vou falar dele aqui durante a minha fala.

Toninho, Antonio Carlos Vieira Lopes, meu professor de longa data, de longa data, que eu gosto muito e com quem hoje eu tenho o prazer de conviver na Academia Baiana de Medicina. E a Dr.<sup>a</sup> Maria Augusta Almeida Cidreira, que aqui representa a procuradora-geral de Justiça do estado.

Então, quero saudar todos, perdoe-me a informalidade, mas eu sou assim, e eu vou ler um pouquinho a história porque eu preciso valorizar, deputado Fabrício, eu preciso valorizar esta medalha, esta honraria e eu não... Quem me conhece sabe disso, eu não perderia a oportunidade de estar aqui, na Casa do Povo, sem falar de alguns temas que são extremamente importantes para todos nós, seria um desperdício isso, eu preciso falar disso, eu vou falar um pouquinho e vou pedir a paciência de vocês. Então, depois dos agradecimentos, eu tenho que falar quem sou eu e quem está comigo.

(Lê) “Eu me chamo Raymundo Paraná Ferreira Filho, sou filho de Raymundo Paraná Ferreira, advogado renomado, 101 anos (palmas), 101 anos de sabedoria, católico praticante, soteropolitano, de família de classe média baixa de Salvador, ele sempre pontuou isso, sempre, e que foi um dos advogados mais importantes da década de 1980, 1990 e início deste século. Ele escalou a pirâmide social e pôde dar aos seus quatro filhos o melhor em relação à educação.

Ensinou aos filhos a humildade e a preocupação com o próximo, sempre pontuou as suas origens, inclusive, a ajuda que recebia das suas irmãs para poder estudar na Faculdade de Direito da Bahia.

Alice Paraná, minha mãe, soteropolitana, abdicou da graduação superior para cuidar dos filhos, mas jamais abdicou dos seus estudos. Dona de uma ótima oratória, sobretudo no quesito ‘religiões’, nos apresentou a base do Espiritismo Kardecista e também nos incentivou à tolerância religiosa e a compreender tudo de bom que havia em cada religião...” Lembro-me de minha mãe me estimulando a estudar as religiões de matriz africana, que gosto e gosto muito, muito interessante.

(Lê) “(...) A primeira vez que eu me interessei pela leitura acerca das religiões foi por orientação da minha mãe. A nossa mistura familiar, ela traz o sobrenome índio, ‘Paraná’, sobrenome índio, significa ‘rio como mar’ ou ‘rio grande’, mas traz negros e traz caucasianos europeus. Eis a Bahia representada aqui na família Paraná...” Eu acho que tem também algum sangue judeu porque tem “Ferreira”, “Ferreira” é de judeu marrano, que veio de Portugal na inquisição.

(Lê) “(...) Meus irmãos, que estão aqui, Antônio Humberto, engenheiro, Lenise, Maria Alice Sisnando, advogada e empresária, André, que não pôde vir, está no Rio, administrador de empresa, eles compõem essa família mestiça na sua origem, uma família extremamente unida...”

Temos ainda muitos irmãos agregados. Tem uma aqui, Telma, que é uma irmã agregada; teríamos Paulo Miguez, que não pôde vir, reitor da Ufba, que é um dos irmãos agregados da família Paraná, porque meus pais colocavam a família Paraná na órbita para oferecer estudo e condições de crescimento pessoal, e isso aconteceu com muitas e muitas pessoas, e outros tantos, como Telma, se agregavam por afinidade.

(Lê) “(...) Na minha família nuclear, sou casado com Marla Cruz, médica e empresária, estamos juntos há 29 anos. Tenho quatro filhos, Gabriela, Danilo, Victoria e Cecília. Vicky, biomédica, é uma aluna de mestrado da Fiocruz, como eu mencionei, representa toda a família Paraná. E, há 2 anos, eu ganhei Valentim, o meu querido neto, que me ensinou um amor diferente.

Do meu pai, eu herdei a responsabilidade com o próximo, a sensibilidade pelas causas sociais, o desabafo através da escrita e a ética a todo o custo.

Da minha mãe, herdei a vontade de estudar, a tolerância religiosa e a necessidade de me posicionar na oratória.

Da minha mulher, tive sempre um porto seguro e uma voz que me traz à realidade porque eu tenho umas tendências voantes.

E aí você me pergunta qual a minha religião. Minha religião são todas elas, desde que acolham qualquer cidadão, independentemente das suas orientações de gênero, de sexualidade e de escolhas políticas (desde que as suas escolhas sejam também tolerantes à escolha alheia). Isso desde que não preguem ódio, guerras, armas, desde que não apoiem teocracias, desde que não julguem, mas obedeçam aos julgamentos dos poderes competentes democraticamente instituídos, desde que tolerem a religião do próximo, desde que não queiram transportar as crenças e dogmas do seu ambiente familiar e religioso para políticas públicas de saúde, isso não cabe.

Entendi desde cedo que o cristianismo não tem dogmas. É uma escolha de vida, uma filosofia, eu acho que é uma filosofia de tanta tolerância, de tanta beleza, de tanto amor, tão revolucionário, que foi preciso criar religiões para contê-lo.

Como me formei?

Fui aluno do Colégio Marista, onde tive uma sólida formação humanística e social. Lá fiz os meus primeiros e longevos amigos, Guilherme Marback está aqui representando todos eles. À minha família de origem e ao Marista eu devo esta imensa preocupação com a justiça social e devo também a sólida formação baseada em princípios.

Adentrei na Faculdade de Medicina da Ufba em 1977. Esta foi a primeira instituição de ensino superior no Brasil...”

É preciso que as pessoas saibam a história dessa faculdade gloriosa. A nossa faculdade de medicina foi a primeira a graduar uma mulher médica no Brasil, (palmas) foi a primeira a graduar uma mulher negra no Brasil, em 1914, (palmas) hoje temos um diretor negro na faculdade de medicina, (palmas) depois de muitos séculos.

Foi lá onde nasceu a Escola Tropicalista Baiana, de Pirajá da Silva; foi lá onde também estudou Juliano Moreira, negro, neto de escravos, poliglota, revolucionou o

tratamento das doenças mentais no Brasil; Martagão Gesteira, levado daqui por Getúlio Vargas, no Estado Novo, para implantar a Pediatria Hospitalar no Brasil todo...

Também Clementino Fraga, que saiu daqui num navio para disputar a cátedra da Universidade do Rio de Janeiro, e fizeram de tudo para que ele não fosse aprovado, mas não conseguiram reprová-lo. Ele estruturou o ensino da Clínica Médica no Brasil e deu nome ao Hospital Universitário Clementino Fraga, no Rio de Janeiro.

Então, a Faculdade de Medicina da Ufba tem vários escolápios que espalharam, espalharam a boa Medicina por todo este país, um curso repleto de excelentes professores.

Eu não iria citar, mas vou citar, mesmo correndo o risco de esquecer alguns. A primeira que eu vou citar é Eliane Azevedo, eu a chamei para que estivesse aqui, nesta Mesa, mas ela não pôde por uma questão de saúde, é uma pessoa extremamente importante na minha vida estudantil.

Também cito Gilberto Rebouças, Helito Bittencourt, Helio Santos, Luiz Lyra, Heonir Rocha, Carlos Marcílio, Zilton Andrade, Adilson Sampaio, Achilea Bittencourt, que está recebendo hoje uma comenda lá no Maranhão, ela é maranhense, Armênio Guimarães, João Souza Filho, Fernando Didier, Fernando Kleber, Rodolfo Teixeira, Antonio Carlos Vieira Lopes, Zezito Magalhães, Nelson Barros, Almério Machado, Peçanha Martins e Thomaz da Cruz, que depois tornou-se meu sogro. (Palmas)

Muitos, muitos outros marcaram a minha vida, mas eu posso dizer que é um luxo para quem teve a oportunidade de estudar numa escola com pessoas com esse nível de formação. A Faculdade de Medicina da Bahia era assim.

Foi por meio deles que eu aprendi que a Medicina se faz com humanismo e raciocínio clínico, que o exame laboratorial ou de imagem é sempre complementar ao eixo do raciocínio clínico, baseado na anamnese e no exame físico. “Não deixe de tocar o seu paciente”, eu ouvia isso do professor Rebouças, pessoa que marcou muito a minha vida, me deixou um *imprinting*.

Aprendi (Lê) “(...) que a base da boa Medicina necessita da boa relação médico-paciente, que é construída numa consulta, e uma consulta que tenha tempo. Nós estamos carecendo de consultas que construam relação médico-paciente. O tempo é muito exíguo.

Que um médico trata paciente, não trata exame; que o médico que solicita muito exame esconde deficiência técnica (na atualidade, até moral também, até moral), pois quem não sabe o que procura valoriza mal o que encontra. Eu sempre ouvi isso dos meus professores.

Foi ao longo do meu curso médico que eu pude entender o absurdo do hiato social que condena o nosso país ao subdesenvolvimento. O Brasil já teve grandes ciclos de crescimento econômico, mas nunca se desenvolveu e não vai se desenvolver se não pagar essa vultosa dívida social que se mantém em eterna inadimplência.

Na época de acadêmico de Medicina, ainda no nada, nada, nada saudoso regime militar, o apartheid social deste país era pior. Na área da saúde, atendíamos o paciente

com um cartão identificado como ‘indigente’, ‘indigente’!...”, o senador Otto Alencar lembra disso, “(...) isso porque ele não fazia parte dos 25% dos brasileiros que tinham seguridade social, a chamada carteira assinada. Portanto, eles dependiam da caridade, e não do Estado, para provisão de saúde.

As nossas enfermarias eram repletas de doenças que, felizmente, vemos com muito menos frequência atualmente. Kwashiorkor e marasmo, que os pediatras viam com tanta frequência, não vemos mais, as verminoses graves, doenças de Chagas e esquistossomose, o tétano, a catapora, o sarampo grave, difteria e a poliomielite (paralisia infantil)... Felizmente, o estudante de Medicina atual já não vê este cenário tenebroso que eu vi, pois já nasceu num país democrático que foi capaz de gerar o SUS com o seu mais vitorioso programa de vacinação que o mundo já conheceu.

No Brasil do SUS, vacinamos sincronicamente o vulnerável povo ribeirinho da Amazônia e o poderoso povo da Faria Lima...” Essa é uma característica que nós não podemos perder.

(Lê) “(...) Considero que quem prega contra as vacinas comete crime contra a humanidade...”, assim deveria ser visto. “(...) Antes do SUS, nos esforçávamos para diagnosticar pacientes, mas não tínhamos como tratá-los, porque não havia programa de assistência farmacêutica.

O meu curso médico me permitiu ser aprovado na residência em São Paulo, onde fiz Clínica Médica e, em seguida, Gastroenterologia, mas eu queria mais, eu queria ser um hepatologista, e naquela época não havia uma residência médica em Hepatologia no Brasil. Os gastroenterologistas abraçavam a Hepatologia, mas naquele momento, com a chegada dos exames de imagem, da Biologia Molecular, a Hepatologia já se distanciava da Gastroenterologia, e já não dava mais para ela estar unicamente no escopo da Gastroenterologia como uma glândula anexa...”

Por isso, eu fiz a prova do FMGEMS, que era a prova para médicos estrangeiros que queriam atuar nos Estados Unidos, onde fui aprovado, e meu destino seria os Estados Unidos. Mas eu tenho tendência voante, como eu falei anteriormente.

Eu estava assistindo, em São Paulo, a uma palestra do professor Christian Trépo, ele falava... ele falava das hepatites virais. Ele terminou a palestra, eu o esperei descer e, quando conversei com ele, criou-se uma empatia imediata. Ele achou muito interessante eu ter ido até ele falar com ele e perguntou: “Você não quer trabalhar comigo?” E eu respondi: “Eu quero, quero, sim”. Aí eu deixei o sonho americano de lado e abracei o sonho francês.

Isso foi em 1986, neste período eu contei com duas pessoas que muito me ajudaram: o ex-governador Roberto Santos, que era o presidente do CNPq, e o Dr. Carlos Marcílio, amigo de Roberto Santos, uma pessoa espetacular, um grande professor que tive, eles me ajudaram na época, por meio do Programa Brasil-França, a conseguir uma bolsa de US\$ 1 mil para ir para Lyon.

Obviamente, não se vivia na Europa com US\$ 1 mil, e eu tive que contar com a ajuda do meu pai, que o fez com toda a satisfação, e tive que contar com a ajuda do professor Christian e da sua esposa ucraniana Ludmila. Muito me ajudaram, me acolheram e cuidaram de mim durante os 2 anos que lá passei.

(Lê) (...) A minha vida acadêmica.

No meu retorno, já existia o SUS em formação. Ainda embrionário, já mostrava vida. Já aprovado no último concurso do Dasp, em São Paulo, em 1984, vim para o Hospital Ana Nery e, posteriormente, para o Hospital das Clínicas, com a ajuda do então secretário de Saúde, agora senador, Otto Alencar...” (Palmas)

Não me conhecia, não me conhecia, não sabia quem eu era. Eu já assistia algumas aulas dele, ele não sabia. Mas eu levei à Secretaria da Saúde o processo e estava demorando. E acabei chegando a ele e ele liberou imediatamente. Está aqui, muito obrigado, Otto. Aí onde tudo começou.

Muito bem. Em seguida, fiz o concurso para professor e tive a felicidade de ser aprovado na primeira chamada. Assumi, então, as minhas atividades na disciplina de Clínica Médica; posteriormente, Gastroenterologia e Hepatologia. Mas o meu objetivo sempre foi a Hepatologia como especialidade independente e que desse acesso a todo brasileiro que precisasse de um profissional formado em Hepatologia. Nós somos 500 para o Brasil todo. É um absurdo. É brutal a falta de acesso a um hepatologista no sistema público e privado do Brasil. Isso precisa acabar! Tem algumas maneiras disso acabar. Mas se o presidente e o deputado Gean quiserem um dia discutir neste Plenário a questão das especialidades clínicas no Brasil, eu estarei à disposição. Aí, vocês vão entender por que nós estamos com carência de especialistas clínicos, e com carência de generalistas também.

Eu passei a atuar em conjunto com alguns centros franceses, o Inserm, Capes/Cofecub, e consegui um volume de publicações para o nosso grupo bastante interessante. São mais de 200 publicações em revistas internacionais. Isso gerou um índice de citação bastante elevado. Tudo isso com ajuda da nossa grande equipe e com as nossas linhas de pesquisa que foram, por ordem: hepatites e doenças relacionadas; posteriormente, a chamada DILI, hepatite tóxica induzida por drogas e ervas; e, mais recentemente, o carcinoma hepatocelular, câncer de fígado. E tivemos o primeiro ambulatorio multidisciplinar do país, com farmacêutico e com médicos, para atender vítimas das *fake news* em saúde, aqueles que se expõem às ervas, às fórmulas, aos hormônios através das *fake news* veiculadas nas redes sociais, muitas vezes por profissionais inidôneos. E no Brasil não tem nenhum nenhum regulatório para isso. Não é possível que adoecer uma pessoa possa ser chamada de liberdade de expressão, não é possível isso.

Nesse período com Paulo Bittencourt e meu querido amigo Jorge Bastos... Eu vou fazer uma pausa aqui e vou pedir uma salva de palmas, de novo, para Jorge. (Palmas) Divido com você, meu amigo de vida.

Jorge Bastos, eu e Paulo iniciamos o programa de transplante hepático na Bahia, HUPES - Hospital das Clínicas e Hospital Português, e que já beneficiou mais de 600 pacientes. Nossos resultados emparelham com os melhores resultados do país.

Homenageio aqui este grande cirurgião.

Nesse período tivemos a inspiração de fundar também a ONG Vontade de Viver, juntamente com Rômulo Correia, um paciente também transplantado e que tinha hepatite C. Infelizmente, na época não se tinha a cura para hepatite C como hoje temos,

que se tornou uma doença facilmente tratável. Esse grupo Vontade de Viver acolheu milhares de pacientes que vinham do interior para se tratar numa época particularmente difícil.

Com a sensibilidade de Jorge Solla e José Antônio Rodrigues, então secretários estadual e municipal... Solla está aqui, eu o vi entrar aqui. Secretários estadual e municipal. Não eram aliados políticos, mas tinham visão republicana, exatamente o que deve ser. Saúde não tem partido (palmas), não tem partido. E foi justamente com Solla e com José Antônio – que me ligou hoje e disse que não poderia vir – que nós criamos a primeira referência e contrarreferência do estado, ligando o Hospital das Clínicas aos centros de saúde da Carlos Gomes e da Liberdade. E criamos, realmente, um sistema de hierarquização do atendimento a pacientes hepatológicos e ampliamos o acesso de pacientes do SUS a um hepatologista. Era a referência e a contrarreferência sonhada do SUS, que pouco a pouco se conseguiu até então. Esse foi o motivo da Medalha Thomé de Souza que recebemos, eu e o meu grupo todo, da Câmara Municipal de Salvador.

Esse projeto avançou e chegou uma outra joia do SUS na Bahia que se chama Cedap Fígado, aqui coordenado por Marcelo e por Delvone, um local onde se respira humanismo, consulta marcada pelo SUS, ultrassom no local para o paciente não precisar se deslocar, assistência farmacêutica, nutricional, orientação nutricional, assistência de alto custo, farmacêutica de alto custo e o Fibroscan, que é um luxo, um luxo ter uma elastografia no serviço público de saúde, e nós temos lá. Então, muito me orgulho. E devo agradecer ao secretário Fábio Villas-Boas que abraçou esse projeto que vinha sendo gestado lá na Sesab desde o tempo de Solla.

Junto com Mittermayer Reis, fomos ao Ministério da Saúde, em 1999, reivindicar ao ministro Serra os olhares do Ministério da Saúde para a causa das hepatites virais. É curioso, porque naquela época o Brasil recebia um prêmio da OMS – as televisões, a mídia só falava disso, porque era um prêmio justo – pelo programa de hepatites virais, que era o melhor programa do mundo, programa de Aids, HIV. Mas se morria mais no país, 10 vezes mais, de hepatites virais do que de Aids. E foi lá, tomando conhecimento desses números, que nós fomos encaminhados a uma grande figura chamada Jarbas Barbosa, atual diretor da Opas. Jarbas, junto com Eduardo Hage, um baiano excelente, uma pessoa que nos ajudou muito. E do Centro Nacional de Epidemiologia surgiu o embrião do que seria o Programa Nacional de Hepatites Virais, que se consolidou em 2003 e se tornou o maior programa de enfrentamento às hepatites virais no mundo. Inclusive, foi copiado por outros países, incluindo o Egito, que tem uma das situações epidemiológicas mais graves em relação à hepatite viral.

Também, do início dos anos 2000 a 2017, convidado pelo senador, e posteriormente governador, Tião Viana, juntamente com essa grande figura que se chama professor Tavares Neto, desenvolvemos um excelente projeto no estado do Acre. Esse projeto já tinha sido iniciado por Tavares Neto e culminou com a primeira Escola Médica na Universidade Federal do Acre.

Em seguida, formamos 25 médicos para serem professores dessa escola, num programa interinstitucional. E daí em diante passamos a ajudar na organização da saúde

na Amazônia brasileira. As hepatites virais são um desastre por aquelas bandas, mas esse desastre atinge às populações ribeirinhas, aos povos originários, que, habitualmente, não têm voz nem escuta no eixo do poder.

Lá, apesar da abundância de pacientes jovens cirróticos, com câncer de fígado, não havia sequer um único hepatologista para atendê-los. Hoje, a realidade é bem diferente, muito diferente, tem centro de referência e laboratório de referência. Com recursos do Fundo Nacional de Saúde, fizemos a formação de médicos da Amazônia aqui, em Salvador, no Hospital das Clínicas. E aproveitamos a oportunidade para fazer o mesmo, interiorizando a hepatologia, no estado da Bahia. E surgiram os núcleos de Feira de Santana e Vitória da Conquista a partir desse processo.

Foi esse projeto que nos rendeu a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul do estado do Acre, que tive a honra de dividir com todos os meus colegas que atuaram nesse projeto.

Paralelamente, e sempre com o apoio de Jorge Solla, e eu vou frisar isso muitas vezes, fizemos o serviço de hepatologia do HUPES, com a enfermaria 4B, nomeada Gilberto Rebouças - Enfermária Clínico-cirúrgica, em parceria com o grande amigo e um dos maiores cirurgiões que já conheci, Jorge Bastos; em seguida, as obras do Núcleo de Ensaio Clínico do HUPES, que está lá até hoje; o Centro de Infusão de Imunobiológicos, que está lá até hoje; o hospital dia, que foi com recursos do Fundo Estadual de Saúde, que, hoje, já funciona plenamente; o curso de pós-graduação em Medicina no quinto andar do HUPES; e a reforma da enfermaria 2A. Tudo com recursos conseguidos no MS, Sesab e agências de fomento, como a Finep.

Em 2012, tirando proveito das minhas conexões com a França e do apoio do professor Christian Trépo, cheguei até a Fundação Mérieux, que pertence ao conglomerado Mérieux, um dos maiores conglomerados em saúde da França, que tem o Instituto Mérieux e o BioMérieux, que são também grandes produtores de vacinas. Pude conversar diretamente com uma figura muito interessante, Sr. Alain Mérieux, hoje com 88 anos, presidente do conglomerado Mérieux, que tem uma fundação filantrópica para investimento em ensino, pesquisa e formação de recursos humanos em países em desenvolvimento. No primeiro momento, eu fui lá buscar investimentos para o Brasil. Ele me disse: não. Ele conhecia muito o Rio de Janeiro. Disse que o Brasil estava em outro nível e que os investimentos eram para a Mongólia, Vietnã e Camboja.

Aí, eu mostrei algumas fotos da Amazônia e eu disse: "Monsieur, não deixa nada a dever a Amazônia brasileira a esses países." E ele ficou bastante interessado e resolveu investir. Investiu na Amazônia brasileira porque ele entendeu que precisava gerar conhecimento sobre a hepatite delta, que muitos médicos brasileiros não sabem nem o que é, mas que dizima populações lá na Região Amazônica.

E foi aí que nós conseguimos um investimento de 6 milhões de euros e construímos o melhor laboratório de biologia molecular do Brasil, que na semana passada passou para as mãos da Fiocruz, num acordo assinado para que a Fiocruz possa utilizá-lo em sua plenitude, gerar e democratizar conhecimento.

Na Universidade Federal da Bahia, eu verticalizei minha formação como mestre, doutor e livre-docente, mas eu queria ser livre-docente em Hepatologia, não queria ser livre-docente em Gastroenterologia, para ser coerente com o que eu defendia. Eu passei 1 ano buscando pareceres da Faculdade de Educação de que a Hepatologia era uma matéria, não era uma disciplina, e pude validar isso na congregação. Tive que enfrentar muitas dificuldades, mas eu me tornei professor livre-docente em Hepatologia, o primeiro do país, para ser absolutamente coerente com o que eu sempre defendi. Sou o único do país. (Palmas)

Cheguei ao topo da minha carreira, mas ainda não me sinto preparado para me aposentar. Eu já fui várias vezes lá e não consegui entrar. Já entrei até com a papelada, mas não consegui voltar para saber como. Então, estou pensando como vai ser. Mas eu me aposentaria se tivesse outros projetos tão desafiadores como esse. E se chegarem outros projetos, eu não tenho dúvida de que eu farei, e farei com todo o afinho que depositei nos projetos da Universidade Federal da Bahia.

Minha vida na medicina privada foi iniciada logo depois do meu retorno para Salvador. Ainda fiquei 6 meses sem consultório privado, mas foi o professor Fernando Didier, uma figura humana fantástica, o primeiro a me convidar para fazer consultório na clínica São Lucas, Carlos Cunha, (palmas) onde você trabalhava e tantos outros.

Logo em seguida, Rebouças, Helito e Oddone me convidaram para o Instituto de Gastroenterologia e Hepatologia, no Canela. E em 1990 soube pela secretária do serviço, Leti, que está aqui, Letícia, secretária lá da Ufba, que está ali com os meus outros secretários – e muito obrigado por terem vindo, (palmas) todos muito bem-vindos –, soube que o Hospital Aliança iria fazer um processo seletivo para médicos plantonistas. E eu não hesitei. Soube também que o professor Gilson Feitosa era responsável pela seleção. Eu não conhecia o professor Gilson Feitosa, ele não foi meu professor. Quando eu entrei na faculdade ele tinha saído para a Escola Baiana de Medicina. Mas eu preparei... eu, não. Letícia preparou o meu currículo ainda na máquina, naquela máquina Remington. E de lá eu levei ao professor Gilson de peito aberto. Entreguei a sua secretária. Não tardou para que ele me chamasse para uma entrevista e no final eu ouvi: "que eu era o tipo de profissional que o Aliança buscava." Adentrei no Hospital Aliança como plantonista da emergência e lá estou há 33 anos, não mais como plantonista, agora estou diretor e como médico atuante na instituição, que eu não vou deixar de ser.

Lá aprendi a admirar muita gente, tanta diferente gente, mas foi na figura de Paulo Sérgio Tourinho, cuja família está aqui, Tereza, D. Sônia, Zé Renato (palmas), com a sua obstinação pela qualidade, pelo humanismo e pela prestação de bons serviços, que tive a grande experiência da minha vida. Paulo Sérgio Tourinho me ensinou a consolidar valores. Foi lá, ainda como plantonista, que tive a oportunidade de transportar duas vezes, a pedido de Paulo Sérgio Tourinho, Irmã Dulce, Santa Dulce dos Pobres, para o Hospital Aliança.

Paulo Sérgio Tourinho foi um dos maiores beneméritos do hospital de Irmã Dulce. Paulo Sérgio Tourinho era um benemérito silente. Tudo que ele fez de bom fez

com silêncio quando o quesito era filantropia e caridade, como diz meu pai, que, aliás, nutria uma admiração mútua: o que a mão direita faz a esquerda não precisa saber.

Foi no Hospital Aliança que eu fiz a minha clínica privada, com muita paciência e intuição. Paulo Sérgio Tourinho de quando em vez me chamava para conversar. Mas foi em 2012 que ele me convidou para ajudá-lo num grandioso projeto, fantástico, que se chamava Fundação Maria Emília, hoje sob a presidência de Tereza e a gestão de Thamile Accioly. Pude dar minha contribuição para essa Fundação e ajudar nos primeiros passos da sua estruturação através de um convênio firmado com a Ufba, só poderia ser com Ufba, com o repasse de R\$ 6 milhões para pesquisa nas áreas de hepatite, leishmaniose e asma.

Em seguida, veio o convite para ser vice-presidente. Relutei, confesso que relutei, mas acabei aceitando, por ser uma solicitação desse amigo que sabia que eu não abandonaria a medicina assistencial pela gestão e me tornaria um fiel escudeiro do humanismo e da qualidade dos serviços no nosso Hospital Aliança.

Mais adiante, veio a doença, a enfermidade de Paulo Sérgio Tourinho e a sua escolha para que eu o acompanhasse durante toda a doença, apesar de não ser da minha área específica. Com a passagem do Sr. Paulo Sérgio, fui convidado pela família, nas pessoas de José Renato e Thereza, seus filhos, para continuar à frente do Hospital, mas sempre deixei claro que não abandonaria a medicina.

Entendi do José Renato, na época, em uma conversa com ele, que a minha função seria de liderança, de coordenação, assim como de garantia para que mantivéssemos o compromisso do seu pai com os valores do hospital, da filosofia do hospital. Atravessamos uma fase de transição, muito bem conduzida pelo José Renato, com a inestimável ajuda do meu amigo Albérico Mascarenhas, que muito me ensinou nesse período, e aqui ele representa todos os meus novos amigos. Foi o Diretor Operacional. Uma simbiose perfeita, que transformou uma gestão que tinha tudo para ser tensa em algo repleto de complementaridade e sucesso. O hospital foi bem e atravessou os primeiros meses da Covid firme e forte.

Associativismo. Fui presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia, o primeiro eleito democraticamente. Minha bandeira foi ampliar o acesso a hepatologia e não foi por outro motivo que criamos a primeira residência médica em hepatologia no Brasil, em 2010, de fato estruturada como residência em hepatologia.

Como presidente da Associação Latino-Americana de Fígado (2018-2020), o objetivo era conectar a Europa, os Estados Unidos e a América Latina e vencer os nossos problemas de integração regional. Avançamos.

Sou membro titular da Academia de Medicina da Bahia, junto com vários colegas e ex-professores. Uma honra imensa pertencer a este seletivo grupo de médicos, do qual eu tenho imenso prazer, sobretudo quando vejo figuras que foram extremamente importantes na minha vida.

Acredito que esta comenda sugerida pelo deputado Jean Fabrício seja pautada na minha defesa intransigente do SUS, do acesso à saúde e do combate às desigualdades sociais deste país. Então, a generosidade do Jean Fabrício foi muita e eu não poderia deixar de falar algumas coisas aqui.

Como disse no convite, uma pessoa "é a marca da lição diária de outras tantas pessoas". Fiz o máximo esforço para citar todas as "tantas pessoas" que me ajudaram nesse trajeto e que, certamente, continuarão a me ajudar porque eu não desisti. Eu continuo lá e tenho as minhas ambições.

Em tempos de grandes embates ideológicos, não me coloco bipolar, entre a esquerda e a direita. Isso é muito pouco, é muito pequeno. Coloco-me entre os que têm juízo crítico. São os que recusam rótulos, mas jamais abandonam princípios.

Ando preocupado com a medicina brasileira, ando muito preocupado. Acho que tomamos o caminho errado na proliferação de escolas médicas sem as mínimas condições de funcionamento. Paralelamente, não estruturamos um setor regulatório. Tampouco temos a capacidade de avaliação dessas escolas para garantir a qualidade dos seus egressos.

Por outro lado, não posso aceitar que covardemente criem-se moratórias de escolas médicas, esquecendo a correção do erro. Esse é um habilidoso exercício de hipocrisia. Moratórias abrem a nefasta janela da judicialização e não resolvem e só agravam o problema, como ocorreu.

Nenhuma sociedade moderna tem moratória para grandes ideias e projetos. Onde já se viu! É absolutamente incoerente e muito pouco inteligente negar a aceitação de novas propostas de escolas médicas consequentes porque existem um punhado de propostas ruins que funcionam mal e que não se tem a coragem de atuar na má qualidade dessas instituições. Esta é a nossa questão principal, o que o Brasil ainda não saber fazer: equilibrar mérito, necessidades sociais e racionalidade para fazer o que o país precisa na sua saúde.

Um médico malformado é um médico caro para o sistema. Ou ele é um voraz solicitador de exames descontextualizados para compensar a sua insuficiência técnica, ou ele é um triador, um distribuidor de pacientes das Unidades Básicas de Saúde, deixando de resolver 70% dos problemas mais simples que seriam resolvidos nas Unidades Básicas de Saúde e causando pletora nos serviços verticalizados de alta e de média complexidades.

Quantas vezes eu recebi no Hospital das Clínicas, onde atendíamos cirróticos que demoravam meses para marcar uma consulta, um paciente que vinha de um posto de saúde porque tinha uma enzima hepática elevada e quem estava acompanhando ele não sabia como interpretar esse resultado? Não há sistema de saúde que possa se organizar dessa maneira. Por isso é que eu digo que médico mal formado encarece o sistema e reduz a resolutividade. Não é isso que desejamos para o país, e eu temo que isso inviabilize o SUS.

Onde está a carreira do médico do SUS concursado no debate?" É preciso ter carreira de médico do SUS, no Brasil, e concursá-los. (Palmas) Um médico malformado, se tiver fragilidade moral, rapidamente enveredará pelas falsas especialidades médicas que permeiam as redes sociais, pródigas em fake news em saúde, com falsos conceitos, interesses comerciais gritantes e que não hesitam em expor seres humanos a risco, em nome da estética e dos seus vis afrontamentos da fisiologia humana". Eu costumo chamar isso de medicina da rede social.

“Da maneira como está, se não tivermos um posicionamento claro do Poder Judiciário, Legislativo e Executivo, chego a esta fase da minha vida, aos 64 anos, como professor titular, defensor do SUS, médico ativo na defesa dessas causas, muito preocupado com a medicina no Brasil.

Por fim, quero agradecer a todos vocês pela presença, pela paciência em me ouvir nesse discurso” – que não foi discurso, foi desabafo, mas eu não perderia essa oportunidade, aqui, nunca – “pela generosidade daqueles que indicaram meu nome, mas eu quero dizer que esta comenda é compartilhada com todas aquelas ‘tantas pessoas, tanta diferente gente’, que me ensinaram as lições diárias.

Estamos na Casa do Povo, numa Casa sentinela da democracia”. Nada mais importante do que falar da democracia neste momento. Democracia é como o SUS: tem suas imperfeições, mas é sempre melhor com ela, é igualzinho. “Quem aqui praticar ‘o ser humano acima de tudo e a ética acima de todos’ terá o meu modesto apoio e agradecimento”.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Já estamos chegando ao final. Gostaria também de saudar, pela visita, Jorge Solla, deputado federal e ex-secretário de Saúde do Estado da Bahia.

Antes de encerrar, me permitam, senhores que são da área da Medicina, quem sou eu para fazer alguns comentários, mas não os posso deixar de fazer, meu querido amigo Otto Alencar.

Dr. Paraná, que bom seria se o Congresso Nacional ouvisse o que o senhor acabou de falar aqui. Infelizmente, a culpa é, sim, dos políticos, principalmente, porque são eles... – claro que nós temos exceções, como aqui tem o senador Otto Alencar, tem Jorge Solla: não é todo o Congresso – mas, infelizmente, o nosso Congresso, como dizia, ou disse, Ulisses Guimarães, numa certa feita, quando alguém comentou com o Dr. Ulisses, “Dr. Ulisses, o nível do nosso Congresso está muito ruim?” ele disse “Espere para ver o próximo.” Então, infelizmente, o que nós estamos vendo hoje, não sou nenhum especialista, o termo é vergonha. Abrem-se faculdades, por interesses corporativos, interesses comerciais; neste país, abre-se uma faculdade de Medicina, como se abre um bar, como se abre uma padaria, e não se toma nenhuma providência. (Palmas)

O senhor tem toda razão: nós não podemos continuar com essa estupidez – desculpe o termo forte, mas não vejo diferente. Eu digo sempre que um formando em Economia, Administração vai dar um prejuízo financeiro, mas o prejuízo que um médico dá é com a vida do paciente. E, nesse momento, eu estou falando com conhecimento de causa: em várias cidades do interior, vários pseudomédicos, que não conhecem absolutamente nada, estão matando centenas de amigos e amigas nossos, em toda a Bahia, em todo o Brasil, por falta de formação.

Hoje, para entrar na maioria das faculdades, não se pergunta absolutamente nada: pergunta apenas quem é o fiador e qual é a capacidade de pagar mensalidade de R\$ 13 mil e de R\$ 15 mil. É uma vergonha, e digo ao senhor: a culpa é dos políticos. Não posso, como deputado estadual tal como os demais colegas, me colocar totalmente no meio, mas sou político e me insiro. Claro, políticos do Congresso Nacional que tem o poder constitucional de fazer as leis maiores do Ministério da Educação, de dar autorização, por interesses políticos ou de amigos de políticos, para abrir uma faculdade atrás de outra. Mais uma vergonha nacional.

Não deixando de registrar que o Congresso, claro, também é composto por homens, como os que temos aqui e que dispensam a apresentações: homens do gabarito e da responsabilidade do senador Otto Alencar, uma vida de correção, e o ex-secretário...

(O Sr. Otto Alencar se manifesta fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Claro, o Executivo, mas o Congresso Nacional, se quisesse dava um basta nessa abertura de faculdades, a torto e a direito. Então, me perdoe, senador, me desculpe o desabafo.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, declaro encerrada...

Eu converso sempre, claro, quem sou eu, Dr. Paraná, meu médico há muitos anos, e a gente sempre conversa a respeito desses milagreiros que estão aqui, a torto e a direito, prometendo o rejuvenescimento, o emagrecimento e as consequências chegam, para médicos como senhor, Paraná, e tantos outros que o senhor citou aqui, tanta saudade de tantos médicos, que não foram meus médicos, mas eu acompanhei a história aqui da Medicina da Bahia.

Então em nome do Poder Legislativo da Bahia, declaro encerrada esta sessão especial. (Palmas)

Me desculpe aqui. Esqueci que, antes, vamos ouvir o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): O Dr. Paraná receberá os cumprimentos no salão ao lado.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, declaro encerrada a presente sessão. Que Deus abençoe a todos nós.

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.*

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.*